

COLAPSO NA ACADEMIA? O COMPORTAMENTO DE PÓS-GRADUANDOS EM ADMINISTRAÇÃO E O *BURNOUT*¹

Marina Batista Chaves Azevedo de Souza

Hellen Taynan da Silva Cavalcanti

Carlos Eduardo Cavalcante²

RESUMO

O presente estudo considera a síndrome de Burnout como possibilidade na experiência acadêmica de alunos de pós-graduação uma vez que esta atividade se assemelha ao mercado de trabalho. Buscou-se compreender comportamentos de mestrandos averiguando-os por meio da incidência das três dimensões do modelo teórico de Maslach. Para isso, foi utilizada uma abordagem qualitativa/interpretativista com entrevistas de roteiro semiestruturado com estudantes de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal da Paraíba. A análise das entrevistas deu-se através do método análise de conteúdo com categorias definidas a priori. Conclui-se que está presente no cotidiano dos estudantes, comportamentos e rotinas com indícios de estresse ocupacional crônico e estratégias de coping. Recomendamos a atenção da academia ao estudo, a partir do momento em que se apontam comportamentos de risco à evolução para experiência de Burnout, dado que níveis altos em duas das três dimensões da síndrome foram identificados.

Palavras-chave: Burnout; Estresse ocupacional; Pós-graduação.

¹ Trabalho submetido em 14/09/17 e aprovado em 21/05/18. Para citar este artigo: SOUZA, M. B. C. A. de; CAVALCANTI, H. T. da S.; CAVALCANTE, C. E. Colapso na Academia? O comportamento de Pós-Graduandos em Administração e o Burnout. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v.33, n. 1, p. 59-80, jan./jul., 2018. Disponível em: <<http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD>>. Acesso em: dia mês, ano.

² Autora 1: Mestre em Administração e Sociedade com ênfase em Estado e Trabalho, professora substituta da UFPB. E-mail: marinabs98@hotmail.com; Autora 2: Mestre em Administração e Sociedade com ênfase em Marketing e Sociedade. E-mail: hellentaynan@gmail.com; Autor 3: Doutor em Administração pela UFRN. E-mail: cavalcanteeduardo@gmail.com

COLLAPSE IN ACADEMIA? BEHAVIOR OF BUSINESS ADMINISTRATION GRADUATE STUDENTS AND *BURNOUT*

ABSTRACT

The present study considers the possible presence of Burnout syndrome in the academic experience of graduate students, since this activity resembles the labor market. The intention of the study was to understand the behavior of Master students by investigating the incidence of the three dimensions of the theoretical model of Maslach. For this purpose, the study used a qualitative/interpretative approach with semi-structured interviews, applied on Master students of the Graduate Program in Business Administration of the Federal University of Paraíba. To analyze the interviews the method of content analysis was used with previously defined categories. The investigation concluded that there are in fact, in the students' daily life, behaviors and routines with signs of chronic occupational stress and coping strategies. We recommend academic attention to this study, since risk behaviors point to progression in the experience of Burnout. The study identified high levels of this stress in two of the three dimensions of the syndrome.

Keywords: Burnout; Occupational stress; Graduate student.

¿COLAPSO EN LA ACADEMIA? EL COMPORTAMIENTO DE ESTUDIANTES DE POST-GRADUACIÓN EN ADMINISTRACIÓN Y *BURNOUT*

RESUMEN

El presente estudio considera el síndrome de Burnout como posibilidad en la experiencia académica de alumnos de posgrado una vez que esta actividad se asemeja al mercado de trabajo. Se buscó comprender comportamientos de maestrandos, averiguándolos por medio de la incidencia de las tres dimensiones del modelo teórico de Maslach. Para ello, se utilizó un abordaje cualitativo/interpretativista con entrevistas semi-estructuradas con estudiantes de maestría del Programa de Postgrado en Administración de la Universidad Federal de Paraíba. El análisis de las entrevistas se dio a través del método de análisis de contenido con categorías definidas a priori. Se concluye que están presentes en el cotidiano de los estudiantes, comportamientos y rutinas con indicios de estrés ocupacional crónico y estrategias de coping. Recomendamos la atención de la academia al estudio, a partir del momento en que se apuntan comportamientos

de riesgo a la evolución de la experiencia de Burnout, dado que niveles altos en dos de las tres dimensiones del síndrome fueron identificados.

Palabras clave: Burnout; Estrés ocupacional; Post-graduación.

1 INTRODUÇÃO

A concepção do termo trabalho foi desenvolvida sob uma visão negativa de tortura e castigo disseminada pelo catolicismo romano. As ideias de Lutero acerca da liberdade para gozar de uma boa vida material foram disseminadas por Weber (2004). Ele pontuou que a ética cristã protestante era compatível com a ideia de alegria com o mundo e tal alegria seria possível pelo uso do capital proporcionado pelo trabalho, o que favoreceu uma visão mais otimista e lícita da atividade laboral.

A ordenação do trabalho surge no contexto pós Revolução Industrial nas escolas da Administração com o objetivo voltado a atender os interesses da gestão. Ramos (1981) assume o posicionamento de que toda Teoria da Administração tem raízes presas à Teoria Clássica, de modo que a emancipação do trabalhador nunca foi de fato possível.

Nos cursos *strictu sensu* encontra-se sujeitos desempenhando diversas atividades. O discente, pós-graduando, por não estar formalmente empregado e não ser um funcionário da Universidade acaba, por senso comum, não sendo considerado um trabalhador. No entanto, as leituras teóricas sobre o significado do trabalho contextualizam o pós-graduando como trabalhador, inclusive nas categorias que determinam percepção monetária pela produção. Tal fato deve-se à observação que as agências de financiamento garantem bolsas a muitos estudantes e alguns deles, têm na bolsa sua única fonte de renda. O pós-graduando caracteriza-se, portanto, no trabalho de estudante-pesquisador a fim de designar a função ambígua da atividade. Assim, à medida que as atividades contribuem para o desenvolvimento pessoal do pesquisador, colaboram para o desenvolvimento social através da produção de pesquisas.

O produtivismo acadêmico, que pressiona o discente por maior produção em menor tempo, transforma o produto do trabalho acadêmico em mercadoria com valor de troca e faz com que o trabalho deixe de ser fim para se tornar meio. Essa dinâmica produtiva tem um alcance na vida do sujeito ainda maior do que no sistema taylorista uma vez que hoje, a informatização liga os estudantes-pesquisadores integralmente em tempo e espaço ao seu trabalho. Essa característica, por vezes, é geradora de consequências negativas a saúde mental e compromete a qualidade de vida deste sujeito pelo estresse o que pode ocasionar a síndrome de *Burnout*.

Diante do exposto, surge a necessidade de avaliar os comportamentos de pós-graduandos em Administração a partir de suas atividades estudantis, a fim de investigar as relações com as três dimensões da síndrome de *Burnout*, teorizadas por Maslach. O universo de entrevistados é composto por mestrandos bolsistas

o que se deu pela preocupação em aproximar mais estreitamente a atividade do estudante-pesquisador com a realidade laboral, a qual é remunerada.

O título do artigo sugere a possibilidade de um colapso no sentido mental do estudante-pesquisador em nível de mestrado. A pesquisa não abrange os doutorandos do programa pela dificuldade de acesso a bolsistas nesta modalidade, uma vez que a maioria dos doutorandos não solicitam bolsas de estudo, conforme levantamento no próprio programa. O campo da pesquisa foi o Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal da Paraíba (PPGA/UFPB). O *locus* foi selecionado observando-se algumas características.

Primeiramente, destaca-se a relevância do Programa nacional e internacionalmente. O PPGA/UFPB é pioneiro nas pesquisas *strictu sensu* em Administração e Sociedade, resgatando a importância do desenvolvimento de práticas administrativas que visem o equilíbrio do sistema como um todo, distanciando-se de uma abordagem meramente gerencial.

A seleção do *locus* também se justifica mediante observação que o PPGA/UFPB é um programa com qualidade superior a maioria dos programas em administração *stricto sensu* do Brasil. Conforme dados na CAPES, até 2017, existem 52 programas de pós-graduação *stricto sensu* (incluindo mestrado e/ou doutorado) na área específica de Administração. Dentre estes, o PPGA/UFPB faz parte do grupo de programas com conceito 5 de avaliação da CAPES (apenas 14 programas possuem conceito 5 ou superior).

A exigência de cumprimentos de créditos acima da média dentre os programas de pós-graduação no Brasil com conceito 5, também se constitui fator relevante ao presente estudo e seleção de *locus*. No Brasil, apenas quatro programas apresentam a exigência de 30 créditos cursados ou mais (o programa da UNB/DF, da UNINSINOS/RS, UNIVALI/SC e o PPGA/UFPB), para obtenção do diploma. Tal exigência associa-se diretamente ao aumento da carga de trabalho dos estudantes.

Destaca-se ainda que PPGA/UFPB lida com a não contemplação de bolsas para todos os alunos do Programa. Desse modo, a análise para concessão de bolsas é feita principalmente pelo coeficiente de rendimento acadêmico, dado a partir das médias das notas nas disciplinas cursadas. Esse critério aumenta a pressão por rendimento quantitativo, aumenta a responsabilidade dos bolsistas em maior e melhor produção nas disciplinas e estimula o aumento da competitividade entre eles para garantir suas bolsas.

O fato do direcionamento da pesquisa a um programa *stricto sensu* com sua área de concentração em Administração e Sociedade, contempla o fato de que o programa entre sua gama de disciplinas aborde o estudo sobre agravos à saúde mental do trabalhador proveniente de atividades de trabalho opressoras, produtivistas e derivadas de regimentos empresariais coercitivos. Assim, somos levados a seguinte reflexão: seriam assim contraditórias as regulamentações igualmente produtivistas do programa, que poderiam expor de forma semelhante os estudantes a possíveis fontes de tensões eventuais ou constantes levando a um colapso na academia?

Não obstante aos fatos elencados, pontua-se também a existência da lacuna em pesquisas sobre o tema e o lócus. Em 2017, alguns fatos envolvendo saúde mental do pós-graduando chamaram atenção da imprensa nacional e internacional. O episódio do suicídio de um doutorando em agosto de 2017 na USP, levantou questões preocupantes quanto ao bem estar dos estudantes-pesquisadores (MORAES, 2017).

Contudo, academicamente, pesquisas nos periódicos CAPES/MEC retornaram apenas um artigo e no SPELL retornaram dois artigos (sendo um, igual ao encontrado no CAPES). Note-se que a temática central de um dos artigos foi vinculada especificamente à relação orientando-orientadores, no segundo artigo o tema central é a relação entre os resultados do questionário de mensuração de *Burnout* e as características sócio-demográficas de estudantes, ambos com metodologia quantitativa. Assim, o artigo torna-se relevante também por se tratar de uma pesquisa pioneira em relação ao seu tema, com evidências de abertura a um debate necessário. Destaca-se ainda o enfoque paradigmático da pesquisa, o qual se propõe a considerar o discurso e opinião dos sujeitos, fornecendo análise fenomenológica para o assunto em questão.

2 O TRABALHO E O PRODUTIVISMO NO CONTEXTO DA PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

De acordo com Ciampa (1999), as identidades são construídas pela ação do sujeito. Segundo essa ideia é pecador o que peca; desobediente o que desobedece; trabalhador o que trabalha. O que se distingue nas identidades demonstradas por Ciampa é que o processo que torna o sujeito um trabalhador, a saber, o trabalho, é responsável pela mediação entre indivíduo e sociedade.

Para ser significativa o indivíduo deve ser considerado parte inerente de sua sociedade (DEWEY, 1959). O trabalho visto como atividade social cumpre, segundo Lobato (2004), o papel que torna o homem um ser significativo à medida que a condição que orienta o indivíduo a ser trabalhador não é determinada geneticamente e sim cultural e socialmente, por influência de outros grupos. Antunes (2005) coloca o trabalho como necessidade natural do homem para manutenção da vida e significado. Lobato (2004) em sentido amplo define o trabalho como o exercício da atividade humana, quaisquer que sejam as formas de execução.

Pesquisadores do grupo MOW – *Meanings of Work* – identificaram seis padrões de definição de trabalho em pesquisa *cross-national* com 147000 respondentes. Os respondentes destacaram em todos os padrões, o salário como requisito e elemento o que denota dificuldade em desvincular o que é trabalho de emprego (ENGLAND; WHITELEY, 1990). Nogueira (2014) destaca o caráter biopolítico do trabalho onde ele orienta tanto para criação e manutenção social, cultural e toda produção subjetiva que contém o lado econômico financeiro.

Morin (2001) enfatiza que o trabalho é primeiramente uma atividade produtiva e que deve comportar um interesse humano, à custa de tornar-se absurdo longe deste ideal. Assim, um trabalho que tem sentido ao interesse humano é feito de maneira eficiente e leva a algum objetivo o que o torna intrinsecamente satisfatório uma vez que permite o desenvolvimento de competências. A pesquisa de Morin é consoante com os sentidos do trabalho estudados pelo grupo MOW, desse modo o que dá sentido ao trabalho é a utilidade e a satisfação, o que colabora para o desenvolvimento do sujeito e da sociedade.

A pesquisa de Spinelli-de-Sá e Lemos (2018) exibiu dados das publicações científicas nacionais sobre significado e sentido do trabalho. Os autores ratificam a dificuldade em diferenciar o que caracteriza sentido e significado do trabalho e identificaram a tendência das pesquisas analisadas em explorar relações consideradas pelos autores como alternativas ou pouco convencionais.

No aspecto da pós-graduação, tem-se um significado e sentido que aproximam o exercício do estudante à atividade laboral. O sujeito, aluno de pós-graduação, contribui para o seu próprio desenvolvimento à medida que se capacita. Concomitantemente, é dotado de competências para o desenvolvimento da sociedade, à medida que trabalha como um pesquisador que dedica tempo, muitas vezes, integral a responder problemas de determinado grupo. O estudante que pesquisa realiza um trabalho coletivo onde labora a fim de compreender e dominar a natureza e é pelo trabalho que se modifica o mundo e o sujeito que realiza.

Na pós-graduação em Administração, o ambiente aproxima-se do mercado de trabalho à medida que o trabalho deixa de ser valor de uso, para ser valor de troca em uma esfera de produtivismo. Ainda assim, existe alguma resistência em considerar a atividade acadêmica como trabalho. Valadares et al. (2015) enfatizam que o ambiente acadêmico é visto como não-trabalho e atribuem tal ideia ao senso comum. A fim de conceber um afastamento do senso comum, utilizam-se aqui pontos de vista científicos e teóricos sobre o trabalho.

Primeiramente, é coerente citar os próprios autores que adotam o senso comum do trabalho acadêmico como não-trabalho. O ambiente da pós-graduação em Administração é marcado por exigências em torno de metas por produtividade e inovação. Eles enfatizam que a atividade do discente *stricto sensu* não é meramente de aluno, mas de produtor de artigos, organizador de eventos e grupos e atividade docente. Além do acúmulo de funções ao discente que é visto como não-trabalhador, está a carga horária dedicada às atividades acadêmicas que ocupa “um tempo muito superior a clássica jornada de trabalho. Dispensa entre outras coisas feriados e folgas” (VALADARES et al., 2015, p. 10).

De acordo com Antunes (2000), o tempo disponível referente ao trabalho voltado para a produção de coisas socialmente úteis e necessárias, deveria propiciar a eliminação de todo o trabalho excedente acumulado pelo capital e voltado para a produção de valores de troca que é para o autor, destrutiva. O que não é o caso do estudante-pesquisador uma vez que o trabalho intelectual e proletário têm a pro-

dução em série como fim para atender demandas de instituições de financiamento (CAPES/CNPQ). O fim do trabalho acadêmico é o produtivismo e a atividade intelectual acadêmica acaba sendo regida pela lógica da mercadoria, que reduz o tempo de reflexão e converte o trabalho artesanal em modelo taylorista-fordista (ANTUNES, 2000, 2005, 2008, 2012; FARIA; MENEGHETTI, 2007; ALCADIPANI, 2011; VALADARES et al., 2015).

Como pontuou Amorim (2014) o trabalho acadêmico estaria classificado na esfera do trabalho imaterial, ou seja, aquele mediato e que exige maior intervenção intelectual. À medida que se incorpora tecnologia e ciência à produção, reduz-se o tempo de trabalho e amplia-se o tempo livre. No entanto, no trabalho do pós-graduando, há que se considerar uma hibridização entre o trabalho imaterial e trabalho material, uma vez que se pontua o produtivismo e a pressão para publicar e cumprir com as atividades internas. Essa constatação responde a ideia do que é ou não trabalho, colocando-o em uma posição de subjetividade que para Antunes, está ligada ao capital que qualifica e hierarquiza as diferenças. Destaca-se ainda que o trabalho do pós-graduando envolve relações de subordinação e estranhamento e têm o sentido do seu trabalho estabelecido a partir das relações de produção (ANTUNES, 2000, 2008; VALADARES et al., 2015). Além do que, muitos estudantes-pesquisadores recebem valor monetário por sua produção das agências de financiamento, tendo esta bolsa como única fonte de renda.

Acentua-se na esfera do trabalho acadêmico uma tendência à ininterrupção do trabalho. Grisci e Cardoso (2014) enfatizam que a informatização contribui com a perda da capacidade do trabalhador em perceber os limites entre tempo dedicado ao trabalho e tempo de não trabalho. Detoni (2017) destaca a facilidade e naturalidade que ferramentas virtuais proporcionam em controlar o trabalhador fora do ambiente laboral. A pressão pelo produtivismo e o controle de prazos e metas transforma todo trabalho em urgente. O trabalhador acadêmico ultrapassa barreiras de espaço e tempo de trabalho, assumindo uma disponibilidade total que transborda sua vida pessoal (ALVES, 2009; ROSENFELD; ALVES, 2011; GRISCI ; CARDOSO, 2014).

Segundo Detoni (2017), as ferramentas de controle e o sentido de urgência em desempenhar as tarefas, atrapalham o exercício do direito ao lazer e às demais atividades do trabalhador fora do ambiente de trabalho. Do ponto de vista da atividade do pós-graduando, destaca-se ainda que a noção de trabalho imaterial contribui para que o trabalhador sufoque suas capacidades psíquicas, pessoais e relacionais em prol da execução do trabalho aproximando-se do sentido taylorista quanto à inibição de traços de subjetividade na vida do trabalhador (ROSENFELD; ALVES, 2011).

Como pontua Nogueira (2014), separando afeto e razão do trabalhador, o sujeito limita-se a esboçar dor e felicidade apenas após a jornada de trabalho. Contudo, se para o estudante-pesquisador, esse trabalho é em tempo e espaço integrais, o que resta é um sufocamento de emoções atenuado pela pressão por produtivismo e por adequação comportamental. O rendimento quantitativo in-

suficiente ocasiona suspensão da bolsa pelas agências de financiamento, comprometimento da carreira profissional ou mesmo desligamento do programa. O fim dessa exploração imaterial que transforma o produto do trabalho do estudante-pesquisador em valor de troca gera estresse ocupacional comprometendo a saúde física e mental. Tal estresse é suportado mediante estratégias de *coping*, podendo eclodir em colapso psíquico tão logo as estratégias não forem mais eficazes.

3 ESTRESSE OCUPACIONAL E BURNOUT

Os critérios adotados para o produtivismo no trabalho acadêmico trazem ao estudante consequências negativas para qualidade de vida e saúde (ESCOBAR; VERDINELLI, 2010). Dentre tais consequências, estão o estresse ocupacional e o *Burnout*. Dias et al (2017) enfatizam que por vezes as doenças ocupacionais ocorrem em decorrência de uma relação de exploração do trabalhador, que tem seu corpo protegido por um aparelho mental. Este aparelho mental, por sua vez, é constantemente influenciado por situações de estresse.

É necessário destacar que não existe um consenso na literatura sobre a definição do termo estresse. O conceito foi primeiramente estabelecido, como sendo “o grau de desgaste total, causado pela vida”. Etimologicamente, a palavra estresse tem conotação negativa, já que é intimamente ligada ao sufoco e a angústia, derivando do latim, *stringere*, que significa apertar, cerrar, comprimir (SELYE, 1959; LAZARUS, 1993; HOUAISS et al., 2001 apud ABREU et al., 2002).

O estresse ocupacional pode ser considerado como sendo as tentativas dos indivíduos de responderem às pressões percebidas no espaço laboral, podendo ser avaliado, de acordo com Cooper et al. (1988) por meio das seguintes variáveis independentes: fontes de pressão no trabalho, personalidade do indivíduo, estratégias de combate e/ou defesa contra o estresse percebido, e sintomas físicos e mentais manifestos. Paiva e Couto (2008), autores que pesquisam o tema voltado à Administração no Brasil, desenvolveram uma escala de mensuração ao Estresse Ocupacional de acordo com as variáveis citadas anteriormente a qual vêm utilizando em suas pesquisas.

A ocorrência do estresse pode ser dada de duas maneiras: no *eustress* e no *distress*. No *eustress* o organismo volta ao estado de equilíbrio, pois existe um ajuste do sujeito. Já o *distress* ocorre quando não há adaptação à situação por parte do indivíduo de modo que o organismo não retorna ao estado equilibrado. Este último impacta negativamente a saúde mental do ser humano (PAIVA et al., 2013). Assim, percebe-se que diante de uma situação de estresse, ao organismo é posto duas situações, a saber: adaptar-se ao estímulo e equilibrar-se, ou não retornar mais ao equilíbrio, estando assim inadaptado à ocorrência do fator externo que o causou. A esta segunda condição atribui-se o estresse ocupacional por motivos relacionados ao trabalho.

Tamayo (2008) considera que a tensão proveniente do tipo *distress* de estresse, decorrente da discrepância entre as fortes motivações do indivíduo e o ambiente de trabalho, conduz o ser humano ao estado de *Burnout*. Assim, de forma gradativa, a inadaptação às adversidades causadoras de estresse, é uma possível causadora de *Burnout*, que traduzido ao português, significa “queima” ou “combustão” total.

Moreira et al. (2009) destaca que o termo *Burnout* foi mencionado de forma pioneira pelo psicólogo Freudenberger, nos Estados Unidos. De acordo com seu estudo sobre o comportamento de trabalhadores jovens em uma clínica de dependentes químicos, o psicólogo observou apatia desses funcionários com relação aos seus pacientes e ao significado do seu trabalho, vinculados a altos índices de reclamação. Os autores que mais frequentemente expõem teorias e as têm utilizadas por muitos acadêmicos, são Maslach, Chernisse Pines.

A síndrome de *Burnout*, teorizada também como “síndrome da desistência”, pode ser definida como:

(...) um transtorno adaptativo crônico associado às demandas e exigências laborais, cujo desenvolvimento é insidioso e frequentemente não reconhecido pelo indivíduo, com sintomatologia múltipla, predominando o cansaço emocional (SCHWARTZMANN, 2004, p. 177).

Maslach (2005) realizou uma reflexão sobre a teoria do *Burnout*, compreendendo a síndrome através de três dimensões independentes, consideradas em estudos citados de maneira importante, na academia: exaustão emocional, baixa realização profissional, e despersonalização. A autora ainda considera a maior incidência da síndrome em profissionais responsáveis pelo cuidado de pessoas (*caregivers*), como os da área de saúde, e em educadores.

Analisar o comportamento de determinado trabalhador de acordo com as dimensões de *Burnout* e encontrar as variáveis em nível fraco ou baixo pode significar a presença de estresse, assim como a presença de um alto nível nas variáveis propostas nas teorias que embasam o estresse ocupacional, pode significar a entrada nas dimensões da síndrome. Diante disso, o Quadro 1, busca esclarecer e diferenciar os termos supracitados.

Quadro 1 – Diferenças entre estresse ocupacional e *Burnout*

ESTRESSE OCUPACIONAL	SÍNDROME DE <i>BURNOUT</i>
Eventos de tensão	Resultado de um prolongado processo de tentativas de lidar com eventos de tensão
Quadro clínico mental inicial	Quadro clínico mental extremo
Podem predispor à existência de <i>Burnout</i>	Resposta ao estresse laboral crônico
Esgotamento profissional, escassa realização pessoal	Esgotamento profissional, escassa realização pessoal e despersonalização/cinismo

Fonte: Baseado em Roazzi et al. (2000) e Abreu et al. (2002).

Desse modo, pode-se explicar o fato de que a trajetória entre esses dois termos, seja facilmente confundida, tanto por indivíduos, gestores e profissionais de saúde, quanto para o pesquisador que analisa os fenômenos. Esses fatores justificam a importância da análise dos conceitos separadamente, como aqui feita, e o esclarecimento sobre suas diferenças.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O lócus da pesquisa se constituiu no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Administração (PPGA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), localizado no campus da cidade de João Pessoa. O programa foi fundado em 1976, e se estabeleceu como um dos programas de pós-graduação brasileiros em administração mais tradicionais.

De acordo com informações de domínio público, expostas no endereço eletrônico oficial do programa, “o PPGA tem como missão produzir, transmitir e divulgar conhecimentos teóricos e práticos, vinculados à formação de docentes, pesquisadores e profissionais na área de Gestão Organizacional, procurando alinhar o rigor acadêmico com aplicações voltadas para a realidade regional”. Os objetivos do programa incluem a consolidação de temas de pesquisa que viabilizem reflexões sobre problemas de natureza social, econômica e ambiental, e o interesse em desenvolver conhecimento que contribua com os aspectos socioeconômicos da região Nordeste.

Com relação à forma de abordagem ao problema, essa pesquisa apresenta caráter qualitativo devido à utilização de procedimentos de pesquisa baseados em epistemologia interpretativista para elaboração dos resultados e presença de roteiro de entrevista semiestruturado, com perguntas abertas, de caráter subjetivo, que possibilitaram a gravação das respostas dos estudantes, e posterior transcrição. Para corroborar com os seus objetivos, a pesquisa é definida como descritiva, que de acordo com Vergara (2005, p.31) “expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno”.

Devido a fatores já citados nos parágrafos anteriores, esse trabalho apresenta uma pesquisa de campo no que concerne aos procedimentos técnicos, consistindo em uma:

(...) investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes, e observação participante ou não” (VERGARA, 2005, p. 26).

A pesquisa foi realizada com estudantes do curso de mestrado acadêmico (CMA) do PPGA, favorecidos pelo financiamento da CAPES, exclui os estudantes do curso que não são beneficiados de bolsa. Foram selecionados um total de 12 estudantes do curso representantes das diversas linhas e ênfases do programa.

Os indivíduos foram entrevistados por acessibilidade ou conveniência, em amostragem do tipo não probabilística. De acordo com Gil (1999) esse tipo de opção permite que o pesquisador obtenha a resposta dos indivíduos com maior facilidade de acesso, admitindo que os sujeitos representarão de forma satisfatória a população a ser estudada.

O roteiro de entrevista semiestruturado foi construído com base no *Maslach Burnout Inventory* (MBI), questionário que utiliza perguntas objetivas baseadas nas três dimensões da teoria do *Burnout* para estabelecer níveis de *Burnout* nos indivíduos, tendo sido consolidado como o instrumento mais utilizado nas pesquisas sobre a temática. Diante da lacuna na literatura de estudos qualitativos ligados ao tema, este estudo optou por viabilizar um roteiro semiestruturado de entrevista, baseado no questionário validado de Maslach, que contempla da mesma forma as três dimensões da síndrome, permitindo uma análise mais subjetiva e aprofundada, com intenção não probabilística, da opinião dos indivíduos.

Desse modo, o roteiro foi dividido em três partes, contemplando as três dimensões. A primeira parte está relacionada à realização pessoal e consistiu na resposta às perguntas sobre o significado do trabalho; fatores motivacionais da decisão de ser pós-graduando; e o sentimento do sujeito durante as aulas e acontecimentos do curso. A segunda parte relacionava-se à despersonalização. Nesta, o estudante respondeu a três questionamentos acerca dos aspectos específicos sobre a rotina e constituição do dia-a-dia; vantagens e desvantagens em realizar a pós-graduação; e descrição das relações com colegas de curso e professores. Na terceira parte, foram abordadas as características emocionais e os afetos vivenciados pelos sujeitos. Foi composta de quatro questões versando sobre os sentimentos e pensamentos ao iniciar mais um dia de curso; definição atual do estado emocional por meio da identificação de sentimentos percebidos no seu dia-a-dia com frequência; descrição das principais emoções, incluindo as agradáveis e as desagradáveis, vivenciadas desde que se iniciou o curso de pós-graduação; e acerca dos sentimentos e pensamentos ao finalizar mais um dia de estudos.

Os resultados foram construídos através da análise de conteúdo qualitativa de Bardin, a qual designa o termo análise de conteúdo a:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2004, p. 37).

Foram realizados os procedimentos éticos cabíveis da pesquisa, a exemplo da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido fornecendo permissão dos estudantes para utilização dos dados.

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O número total de entrevistados para atingir a saturação teórica dos dados foi de 6 pós-graduandos matriculados no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Administração da UFPB e que recebem remuneração (bolsa) proveniente da CAPES. A amostra alcançou 12, na esperança do surgimento de novos dados e contempla as diversas linhas e turmas do programa, porém, com predominância de indivíduos da turma que finalizou em 2015 o seu primeiro ano de mestrado acadêmico, devido a sua presença mais constante nas dependências da Universidade (lócus de pesquisa).

O roteiro seguiu perguntas com vistas a contemplar as categorias de Malasch, de modo que pudessem ser analisadas qualitativamente. Assim, em relação ao significado pessoal de ser um estudante de pós-graduação, a maioria dos entrevistados citou que compreende o significado como oportunidade de realização profissional dado um planejamento profissional. Outros destacaram excesso de responsabilidade, possibilidade de resolver conflitos entre teoria e prática, além de possibilitar enxergar as coisas de modo diferente.

Sobre o motivo principal que levou o respondente a se tornar um estudante-pesquisador, houve um equilíbrio entre os respondentes que alegaram como motivação principal a vocação e vontade de exercer a docência; e aqueles que veem a pós-graduação como possibilidade de ascensão profissional, ou buscam melhoria salarial.

Quando questionados sobre os sentimentos durante as aulas ou diante dos acontecimentos relacionados ao curso, os respondentes expressaram sentimentos negativos. De modo geral foram citados cansaço; sono; pressão; tensão; elevado nível de estresse; sentimento de impotência diante da carga de estudo; aprisionamento por expor opiniões; sentimento de obrigação; e cobrança. Outras observações foram citadas como sentimento tais como análise das práticas docentes dos professores; desafio; e responsabilidade. Apenas um entrevistado disse sentir-se à vontade durante as aulas e os eventos do curso.

Especificamente quanto à rotina de estudos no dia a dia, alguns enfatizaram equilíbrio de tempo entre leituras obrigatórias e extras; outros disseram estabelecer tempo livre; deixar espaço para diversão e ao menos um dia para relaxar. Outros responderam que o dia a dia é ocupado meramente pelas obrigações do curso e necessidades básicas.

Dentre as principais vantagens em realizar a pós-graduação, a maior parte dos respondentes identificou a possibilidade de adquirir conhecimento novo; amizades novas; crescimento; melhoria salarial; melhor emprego. Alguns enfatizaram a possibilidade de contribuir com o desenvolvimento acadêmico e da sociedade. Houve um respondente que enfatizou como principal vantagem ter um contato amigável com o orientador. Em relação às principais desvantagens, a maioria dos respondentes identificou o fato de ficar sem tempo, dada a alta carga de créditos em disciplina. Destacaram também

que este fato afeta a vida social e os deixa sem tempo para família; lazer e relacionamentos amorosos. Outros reforçaram o sentimento negativo de pressão e cansaço. Um respondente considera como desvantagem o distanciamento do mercado.

A boa relação com os colegas de curso foi identificada pela maioria como essencial. Ao menos três respondentes disseram não ter simpatia por todos e queixam-se da existência de barreiras quanto a grupos pré-estabelecidos. Um respondente declarou não existir relações de coleguismo fora do ambiente acadêmico e outro identifica um clima de competição. A relação com os professores do curso é vista como excelente, amigável e respeitosa por sete entrevistados. Os demais demonstram distanciamento alegando manter o mínimo contato ou apenas o necessário.

Os sentimentos ao iniciar mais um dia de curso dependem das leituras prévias; e da disciplina daquele dia. Os respondentes enfatizaram também sentimentos negativos como o cansaço embora mal tenha começado o dia. Sentem-se sobrecarregados; pressionados; ansiosos; angustiados e estressados.

Pedimos aos entrevistados que definissem o estado emocional deles atualmente, identificando através dos sentimentos que são percebidos seu dia-a-dia com frequência. As respostas exibem estados de apatia “tanto faz”. A tranquilidade foi citada apenas por um respondente. Os demais responderam frequentemente cansaço; angústia; sobrecarga; ansiedade; instabilidade emocional frequente; decepção; medo de perder a bolsa; e medo de perder o contato com o mercado. Salienta-se que, os respondentes que identificaram sentimentos negativos, também identificaram alegria pelo alcance de bons resultados e realização.

Dentre as principais emoções, incluindo as agradáveis e as desagradáveis, vivenciadas desde que iniciaram o curso de pós-graduação, os estudantes-pesquisadores agruparam suas respostas em: decepção com pessoas; descontentamento com colegas; pressionado com muitas disciplinas; impotência com a carga de disciplinas; felicidade com notas altas; felicidade por conhecer novas pessoas e cultura; novas experiências; relação com os amigos; realização de um sonho; cansaço e raiva; inferioridade e incompetência.

Ao finalizar mais um dia de estudos, os sentimentos e pensamentos dos respondentes dividem-se em alívio; ansiedade; angústia; sensação de que o tempo passou e não foi feito nada; um dia a menos; dever cumprido; amanhã será melhor.

Percebe-se na maioria das respostas, o consenso entre os entrevistados evidenciando que os acadêmicos vivenciam situações similares em sua experiência de trabalho. Todas as respostas são importantes para apontar a incidência de motivações, sentimentos ou até mesmo vantagens e desvantagens ligadas ao trabalho em questão.

Associando as respostas às dimensões do modelo teórico para identificação da Síndrome de *Burnout*, percebe-se a prevalência de sentimentos negativos relacionados ao estado emocional dos participantes bem como os sentimentos relacionados ao momento das aulas. Com relação às vantagens e desvantagens a maioria dos

entrevistados equipararam os fatores positivos e negativos do curso. Os participantes também elencaram como importantes os sentimentos relacionados à realização com a execução do curso, que inclui o relacionamento positivo com os envolvidos no programa. O Quadro 2 esboça uma descrição geral acerca dos sentimentos e emoções que denotam afetos positivos e negativos destacados nas entrevistas:

Quadro 2 – Afetos positivos e negativos

TIPO DE AFETO	SENTIMENTOS/EMOÇÕES
Afetos positivos	Alegria, felicidade, prazer, satisfação, realização, crescimento, contribuição, coleguismo, amizade.
Afetos negativos	Competição, angústia, egoísmo, ansiedade, raiva, conformismo, tristeza, medo, desgosto, pressão, cansaço, exaustão, decepção, nervosismo, impotência, desmotivado, frustração.

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

Neste sentido, há que se refletir sobre ganhos e perdas indicadas pelos respondentes da pesquisa relacionando-os com as dimensões indicadas na Figura 1. Dada descrição dos afetos destacados nos discursos dos respondentes, é possível verificar sentimentos e emoções que podem ser direcionados à síndrome. Tal informação é proveniente da identificação de fatores muito negativos nas dimensões, além da predominância de mais fatores negativos do que positivos em duas dimensões. Convém, portanto, discutir mais profundamente esses resultados quando analisados junto aos três direcionamentos do modelo teórico.

6 DISCUSSÕES

O critério para seleção dos sujeitos para esta pesquisa levou em consideração a percepção de bolsa de estudos para suas atividades acadêmicas. Assim, foram entrevistados 12 estudantes-pesquisadores bolsistas em tempos diferentes do curso, estando 2 indivíduos em fase de conclusão do mestrado e 10 no término de seu primeiro ano. Dos 12 respondentes, 5 eram mulheres e 7 homens.

De modo geral, as entrevistas contribuem a uma discussão homogênea face aos resultados. Os dados foram saturados com 6 sujeitos, entretanto, considerando a possibilidade de explorar a riqueza da subjetividade no conteúdo das entrevistas, seguiu-se entrevistando mais sujeitos.

A partir dos resultados percebe-se que a dimensão da **exaustão emocional** foi a mais acometida no contexto dos estudantes analisados. Todos eles demonstraram sentimentos negativos em detrimento dos positivos, principalmente relacionados ao cansaço e ao estresse, o que sugere um alto nível da presença desta dimensão já que a sobrecarga de trabalho é uma das variáveis mais apontadas

como predisponentes ao *Burnout* (BENEVIDES-PEREIRA, 2002; LAUTERT, 1995; CODO, 2006; SILVA; CARLOTTO, 2008 apud MENEGHINI et al, 2011).

A dimensão da **realização profissional** do modelo teórico foi percebida como positiva para os entrevistados, ou seja, como não sugerindo presença de *Burnout* nos alunos, já que muitos dos respondentes, principalmente os do primeiro ano, inferem a importância/motivação profissional e pessoal de estar no curso, afastando-os da realidade da síndrome.

Pra mim significa uma possibilidade de trazer uma mudança social. E também realização pessoal. Eu me realizo em um trabalho que eu sei que vou dar algo significativo em algo social (R6, turma 39).

Todavia, aspectos motivacionais em nível alto, também podem ser potenciais riscos para síndrome. Segundo a teoria da frustração (*versagung*) de Freud (1969), sujeitos com grandes expectativas positivas acerca da tarefa, entram facilmente em estado de frustração caso fatores internos ou externos impliquem sentimentos que façam com que a expectativa não seja alcançada pelo sujeito. Além disso, sentimentos de realização foram frequentemente rebatidos com palavras que remetem a afetos negativos. A partir dessa análise, percebe-se então a dimensão como uma variável de risco à desistência.

Assim, sentimentos de solidão, desespero, medo, frustração, decepção, raiva e angústia estão presentes em todas as entrevistas e em maior frequência que os sentimentos de afeto positivo, salientando o risco de frustração que esses estudantes vivenciam, e conseqüentemente, riscos de desenvolver estresse ocupacional crônico que evolua para a patologia aqui estudada.

Inicialmente foi felicidade de tá na pós, fase de descobrimento das coisas. Depois vem o desespero e o medo na hora que você começa a caminhar e você vê que as coisas são completamente diferentes, que você tá totalmente sozinho, que você começa a perceber que vai ter que caminhar sozinho, entre aspas, que as pessoas estão lá não pra pegar no seu braço, mas pra te dizer os caminhos e você vai ter que ir sozinho (R9, turma 39).

Agradáveis, quando conluo a disciplina, recebo a nota, quando tive um artigo aprovado e sentimentos negativos, além de angústia, medo de não cumprir os prazos, pressão se vou ter ou não bolsa mês seguinte ou semestre que vem. Sentimentos positivos quando conluo a disciplina ou tenho um trabalho reconhecido e provavelmente os sentimentos negativos são mais frequentes, são do dia a dia. (R10, turma 40).

Conforme o tempo na atividade aumenta – no segundo ano do mestrado – os estudantes entrevistados desenvolveram estratégias de *coping*, que permite lidar melhor com as atividades. Diversos estudos indicam a relação do tempo de trabalho com a penetração do *Burnout* na vida do indivíduo (MASLASCHE e JACKSON, 1981; ULLRICH e FITZGERALD, 1990; CUSHWAY e TYLER, 1996; MOORE e COOPER 1996; SOUZA e SILVA, 2002). O que também foi percebido nesta pesquisa.

Mas aí quando você vive essas emoções tem um lado positivo porque você cresce, amadurece mais ainda. Você passa a ver as situações de outra forma. Tem coisas que não lhe irritam mais como antes, tem situações com pessoas que você olha assim e diz “eu vou me estressar com isso pra quê?” (R7, turma 39).

Apesar de mencionadas as decepções no convívio com os colegas ou até fortes indícios de competição e apatia no contato com alguns professores (principalmente no segundo ano do mestrado), a maioria dos estudantes inferiu como agradável a convivência com os demais integrantes do curso, sugerindo inclusive que esse apoio social é fundamental para continuar trilhando o caminho até a conclusão do curso, fato este que descaracteriza a dimensão que se refere à **despersonalização ou cinismo** dos respondentes, afastando-os da síndrome.

Em relação aos meus amigos é muito massa ter amigos aqui, e isso me dá uma força. Tipo, se você tá mal em alguma disciplina, ou estressado com alguma coisa, você acaba se reportando pra grupos específicos no whatsapp, e isso facilita muito, você compartilha o sofrimento, você compartilha a felicidade, você compartilha os momentos, isso é uma coisa que é muito positiva, eu gosto muito de poder ter essa possibilidade de ter uma boa relação com todo mundo (R3, turma 40).

A formação do grupo que a gente teve de colegas, de colaboração, foi muito enriquecedora para conseguir enfrentar o primeiro período, que acredito que você enfrentar um primeiro período da pós-graduação sem amizades com ninguém, deve ser praticamente impossível, porque pra mim a amizade, o coleguismo com a turma foi essencial (R2, turma 40).

O termo estresse foi mencionado nos discursos dos participantes, direta e indiretamente, demonstrando certo nível de consciência dos respondentes com os fenômenos que podem estar inseridos em uma rotina de trabalho e/ou estudos, o que pode ser um fator positivo para os sujeitos, no combate aos fatores estressores, segundo estudos de Chaves (1994) e Miquelim et al.(2004).

Considero de tranquilo a um nível de estresse baixo, de modo geral. Estresse mesmo. Estresse mesmo porque você fica numa cobrança tão grande para cumprir a leitura, a leitura de modo geral que é cobrada né, aí vai passando o tempo você não consegue terminar aquela leitura e você fica se cobrando aí dá um nível de estresse (R5, turma 40).

Eu fiquei até com medo de estar com a síndrome, porque eu tava deixando tudo pra última hora. Só fazia quando realmente precisava eu pensava: vou começar agora se não, não dá tempo terminar. Tive essa pressão, não sei se deu o ‘tilte’ (risos) (R10, turma 40).

Assim, entende-se o comportamento e as vivências do trabalho acadêmico dos estudantes de pós-graduação do referido contexto como de risco no que concerne às dimensões do modelo teórico, que sugerem a presença de nível alto de estresse ocupacional.

A presença de despersonalização e cinismo no discurso dos estudantes foi identificada em nível baixo e apenas em dois respondentes. Contudo, autores como Roazziet al. (2000) e Abreuet al. (2002), identificam esta variável como crucial na identificação do *Burnout* no momento em que a presença desta dimensão é um dos fatores que diferencia o fenômeno do estresse ocupacional, da síndrome de *Burnout*. Dessa forma, as entrevistas direcionam o comportamento e o dia-a-dia dos alunos a uma situação de estresse ocupacional crônico e com presença de *coping* frequente. Fenômenos estes, que são gradativos à experiência de *Burnout*, como já mencionado em estudo de Harrison (1999) e Carlotto (2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo compreender os comportamentos dos estudantes-pesquisadores em curso de pós-graduação em Administração a partir da incidência das três dimensões do modelo teórico de Maslach indicativos à síndrome de *Burnout*. Os achados da pesquisa não visam identificar a presença da síndrome e sim os indicadores que podem desencadeá-la.

Neste sentido, a análise de conteúdo das entrevistas denota uma situação de estresse ocupacional crônico, o que configura uma propensão à síndrome de *Burnout*. Evidencia-se também que à medida que o tempo na atividade evolui, os pós-graduandos tendem a desenvolver *coping*, aceitando as situações e lidando melhor com os afetos negativos identificados no trabalho. Desse modo, percebe-se que os resultados atendem de forma satisfatória à proposta inicial desse estudo uma vez que foi possível identificar pelas falas dos respondentes as percepções deles em relação ao nível de estresse gerado por suas atividades, estratégias de *coping* e pré-disposição à síndrome. Contudo, há que se considerar limitações à pesquisa.

Uma limitação do presente estudo foi, a lacuna existente de pesquisas anteriores abordando este público, inclusive a ausência de dados acerca da síndrome no trabalho do pós-graduando. Em termos de método, alguns respondentes se mostraram cautelosos em seus depoimentos, o que pode ser atribuído ao fato do contato pessoal com as pesquisadoras. Limitações quanto à disponibilidade e acessibilidade também devem ser destacadas. Ao menos uma respondente demonstrou desconforto em ceder tempo à entrevista, e tal fato, também pode ser analisado dentro da proposta do estudo, ao observar o dilema entre tempo e necessidade de produção no trabalho na academia.

Os resultados dessa pesquisa sinalizam que a síndrome de *Burnout* pode ser vivenciada por qualquer classe profissional uma vez que os indicadores de emoções e sentimentos estão presentes em todos os níveis. Assim, é indicado que a academia amplie as discussões para além dos profissionais de saúde e educação. O trabalho do administrador requer precaução com o *Burnout* ainda maior uma vez que este profissional tem seu estado de consciência ativo acerca das consequências da síndrome e dos antecedentes dela de modo que essa pesquisa também

contribuiu para confrontar os respondentes com sua própria realidade diante do indicativo de um colapso favorecido pelo estresse ocupacional por eles vivido e aqui evidenciado.

Destarte, em aplicações práticas, a academia deve direcionar-se a políticas de conscientização acerca da síndrome e as organizações devem investir em capacitação de profissionais que possam identificar indicadores da síndrome dentre os trabalhadores e agir em mudanças cognitivas, favorecendo a disseminação de afetos positivos no ambiente. No trabalho do pós-graduando, medidas que favoreçam o relacionamento entre professores e alunos e alunos e alunos, com afetos positivos de cooperação, confiança, apoio e valorização são essenciais para o enfrentamento do estresse e distanciamento de *Burnout*.

Futuras pesquisas podem ser desenvolvidas para fortalecer o campo de investigação de *Burnout* no trabalho do pós-graduando em Administração considerando diferenças entre o trabalho do estudante bolsista *versus* o não bolsista ou ainda com alunos de outros programas com menor número de créditos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, K. L.; STOLL, I.; RAMOS, L. R.; BAUMGARDT, R. A.; KRISTENSEN, C. H. Estresse ocupacional e Síndrome de *Burnout* no exercício profissional da psicologia. **Psicol. cienc. prof.**, v. 13, n. 1, 2002.

ALCADIPANI, Rafael. Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação acadêmica. **Cadernos Ebape. br**, v. 9, n. 4, 2011.

ALVES, Giovanni. **A condição de proletariedade**: a precariedade do trabalho no capitalismo global. São Paulo: Editora Práxis, 2009.

AMORIM, H. O trabalho imaterial em discussão: teoria e política. **Caderno CRH**, v. 27, n. 70, p. 9-12, 2014.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2000.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa. Edições 70, 2004.

CARLOTTO, M. S. A síndrome de *Burnout* e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo**, v. 1, n. 7, p. 21-29, 2002.

CARMO, P. S. **A ideologia do trabalho**. São Paulo: Moderna, 1992.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: S. T. M. LANE; W. CODO (Orgs.). **Psicologia Social**: o homem em movimento. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999. p.58-75.

CHAVES E. G. **Stress e trabalho do enfermeiro: a influência de características individuais no ajustamento e tolerância ao turno noturno**. Tese de Doutorado [163 p.]. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1994.

CODO, W.; SAMPAIO, J. J.; HITOMI, A. **Trabalho, indivíduo e sofrimento**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

COOPER, C. L.; SLOAN, S.J.; WILLIAMS, S. **Occupational stress indicator management guide**. Great Britain: Thorbay Press, 1988.

DEWEY, J. **Democracia e educação**. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

DETONI, A. G. R. **O direito à privacidade dos trabalhadores na era da Sociedade da Informação**. Dissertação de Mestrado [126 p.]. Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão. Sergipe: UFSSC, 2017.

DIAS, A. S. et. al. Doenças ocupacionais: o sofrimento nas relações de trabalho. **Salão do Conhecimento**, v. 3, n. 3, 2017.

ENGLAND, G. W.; WHITELEY, W. T. Cross-national meanings of working. In: BRIEF, A. P.; NORD, W. R. (Orgs.). **Meanings of occupational work**. Toronto, Lexington Books, 1990. p. 65-106.

ESCOBAR, M. A. R.; VERDINELLI, M. A. Percepção do discente sobre produtividade científica em um programa de pós-graduação stricto sensu. Colóquio Internacional sobre Gestión Universitária en América del Sur, 10., 2010, Mar del Plata. **Anais...** Mar del Plata, 2010.

FARIA, José Henrique de; KANASHIRO MENEGHETTI, Francis. Burocracia como organização, poder e controle. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 51, n. 5, 2011.

FREDU, S. Tipos de desencadeamento da neurose. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (Orgs.). Rio de Janeiro: Imago, 1969 A.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo. Atlas, 1999.

GRISCI, C. L. I.; CARDOSO, J. Experimentação do tempo e estilo de vida em contexto de trabalho imaterial. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 12, n. 4, p. 851-865, 2014.

HARRISON, B.J. Are you to burn out? **Fund Raising Management**, v. 30, n. 3, p. 25-28, 1999.

LOBATO, C. R. P. S. O significado do trabalho para o adulto jovem no mundo do provisório. **Revista de Psicologia da UNC**, v. 2, p.44-53, 2004.

MASLACH, C. Entendendo o *Burnout*. In: ROSSI, A. M.; PERREWÉ, P. L.; SAUTER, S. L. (Orgs.). **Stress e qualidade de vida no trabalho**. São Paulo. Atlas, 2005. p. 41-55.

MASLACH, C.; JACKSON, S. The measurement of experienced *Burnout*. **Journal of Occupational Behaviour**, v. 2, p. 99-113, 1981.

MENEGHINI, F.; PAZ, A. A.; LAUTERT, T. Fatores ocupacionais associados aos componentes da Síndrome de *Burnout*. **Texto Contexto Enferm**, v. 20, n. 2, p. 225-33, 2011.

MIQUELIM, J. D. L.; CARVALHO, C. B. O.; GIR, E.; PELÁ, N.T. R. Estresse nos profissionais de enfermagem que atuam em uma unidade de pacientes portadores de HIV-AIDS DST. **J Bras Doenças Sex Transm**, v. 16, n. 3, p. 24-31, 2004.

MOORE, K. A.; COOPER, C.L. Stress in mental health professionals: a theoretical overview. **International Journal of Social Psychiatry**, v. 42, p. 82-89, 1996.

MORAES, Fernando Tadeu. Suicídio de doutorando da USP levanta questões sobre saúde mental na pós. **Jornal Folha de São Paulo** em 27 out. 2017.

MOREIRA, D. S., MAGNACO, R. F., SAKAE, T. M.,; MAGAJEWSKI, F. R. L. Prevalência da síndrome de *Burnout* em trabalhadores de enfermagem de um hospital de grande porte da Região Sul do Brasil. **Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro**, v. 7, n. 25, p.1559-1568, 2009.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **ERA**, v. 41, n. 3, 2001.

MUROFUSE, N. T.; ABRANCHES, S. S.; NAPOLEÃO, A. A. Reflexões sobre estresse e *Burnout* e a relação com a enfermagem. **Rev Latino-am Enfermagem**, v. 2, n. 13, p. 255-261, 2005.

NOGUEIRA, C. S. **A loucura interroga a gestão: subjetividade e saúde mental na era do trabalho imaterial**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2014.

PAIVA, K. C. M.,; COUTO, J. H. Qualidade de vida e estresse gerencial “pós-choque de gestão”: o caso da Copasa-MG. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 6. p. 1189-1211, 2008.

PAIVA, K. C. M., DUTRA, M. R. S., BARROS, V. R. F.; SANTOS, A. O. Estresse Ocupacional e *Burnout* de jovens trabalhadores. In: ENCONTRO DA ANPAD, 37., 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2013.

PRADO, E. F. S.; PINTO, J. P. G. Subsunção do trabalho imaterial ao capital. **Caderno CRH**, v. 27, n. 70p. 61-74, 2014.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações**. Rio de Janeiro: FGV, 1981.

ROAZZI, A.; CARVALHO, A. D.; GUIMARÃES, P.V. Análise da estrutura de similaridade da síndrome de *Burnout*: Validação da escala Maslach *Burnout Inventory* em professores. In: ENCONTRO MINEIRO DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA: TEORIA E PRÁTICA, 5., 2000, Belo Horizonte. CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA:

FORMAS E CONTEXTO, 8. 2000, Belo Horizonte. **Anais...PUC**: Belo Horizonte, 2000.

ROSENFELD, Cinara L.; ALVES, Daniela Alves de. Autonomia e Trabalho Informacional: O Teletrabalho. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 207-233, 2011.

SCHWARTZMANN, L. Estrés laboral, síndrome de desgaste (quemado), depresión: ¿estamos hablando de lo mismo? **Cienc Trab**, v. 6, p. 174-84, 2004.

SOUZA, W.C.; Silva, A. M. Monteiro da. Preditores do *Burnout* em profissionais de saúde. **Rev. Estudos de Psicologia**, v. 19, n.1, p. 37-48, 2002.

SPINELLI-DE-SÁ, J. G.; LEMOS, A. H. C. Sentido do Trabalho: Análise da Produção Científica Brasileira. **Revista ADM. MADE**, v. 21, n. 3, p. 21-39, 2018.

TAMAYO, Á. Valores organizacionais. In: S. M. M. M. (cols.) **Medidas do Comportamento Organizacional: ferramentas de diagnóstico e de Gestão**. Porto Alegre: Artmed, 2008. p.309-340.

ULLRICH, A; FITZGERALD, P. Stress experienced by physicians and nurses in the cancer ward. **Social Science and Medicine**, v. 31, p. 1013-1022, 1990.

VALADARES, Josiel Lopes et. al.. 'Afiml, Você Também Trabalha?' Reflexões Sobre o 'Não Trabalho' no Ambiente da Pós-Graduação em Administração. **TPA-Teoria e Prática em Administração**, v. 4, n. 2, p. 206-233, 2015.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

